

## Humor contra o fim do mundo: o tempo para pensar o ser e suas experiências

Renan De Simone

**Resumo:** O presente artigo busca demonstrar como alguns sintomas culturais apontam para uma espécie de esperança revelada no “fim do mundo”. Por meio do humor como expressão da prevalência e indestrutibilidade do ego, faz-se uma relação com as pequenas sobrevivências das experiências humanas em meio ao caos e ao discurso fragmentado de nossa sociedade contemporânea, apressada, volátil, hiperconectada. A relação estabelece-se a partir da música *It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)*, da banda R.E.M., que viu uma subida considerável nos serviços de *streaming* no início de 2020, momento em que se estabelecia a pandemia mundial de covid-19.

Para trazer tais paralelos, dialoga-se com autores como Freud, Didi-Huberman, Marcondes Filho e Heidegger, pontuando o paradoxo de se falar no fim do mundo a partir do humor e da necessidade de tempo, o que pode ser visto como forma de sobrevivência das pequenas experiências, uma voz de resistência, rindo-se do mundo e de seus perigos enfrentados pela nossa fragilidade humana.

**Palavras-chave:** fim do mundo; experiências humanas; humor; sobrevivência; tempo.

**Abstract:** This article seeks to demonstrate how some cultural symptoms point to a kind of hope revealed at “the end of the world”. Through humor as an expression of the prevalence and indestructibility of the ego, a relation is established with the little survivals of human experiences among the chaos and fragmented discourses of our hurried, volatile, hyperconnected contemporary society. The relation is established from the song *It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)*, by the band named R.E.M., which had a considerable rise in streaming services in early 2020, when the covid-19 world pandemic settled.

To bring such parallels, authors such as Freud, Didi-Huberman, Marcondes Filho and Heidegger dialogue, pointing out the paradox of speaking at the end of the world from humor and time necessity, which can be seen as a way of survival of little experiences, a voice of resistance, laughing at the world and its dangers faced by our human fragility.

**Keywords:** end of the world; human experiences; humor; survival; time.

## **Humor contra o fim do mundo: o tempo para pensar o ser e suas experiências**

Em 2021 a banda R.E.M. completou 10 anos de sua dissolução. Formada em 1980 no estado da Geórgia, nos Estados Unidos (EUA), a banda de rock alternativo composta pelo vocalista Michael Stipe; guitarrista Peter Buck; baixista Mike Mills; e pelo baterista Bill Berry teve uma frutífera carreira de 31 anos e anunciou sua dissolução em setembro de 2011. De acordo com a Revista Rolling Stone (2021), a banda lançou os discos de maior sucesso no início da década de 1990: *Out of Time* (de 1991) e *Automatic for the People* (1992). Entre seus trabalhos mais conhecidos estão as canções: *Losing My Religion* (1991); *Imitation of Life* (2001); e *Man on the Moon* (1992).

O objeto de nossa análise, ou antes, de nossa relação, é a música lançada pouco antes, em 1987, com o longo título de **“It’s The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)”**, que numa tradução livre poderia ser colocada como “É o fim do mundo como o conhecemos (e eu me sinto bem)”.

A música em questão, escrita por Stipe, é uma produção que foi originada, segundo o próprio autor em algumas entrevistas ao longo da carreira, de um sonho que teve no qual achou curioso o fato de numa mesma festa estarem várias personalidades que tinham as iniciais “L” e “B”, nomes que aparecem na letra, como: “Leonard Bernstein, Leonid Brezhnev, Lenny Bruce and Lester Bangs”.

Stipe já disse a alguns jornalistas que seu método criativo de escrita é um tanto quanto caótico, em que ele primeiro busca palavras que se encaixem no sentimento, sensação que busca, e que só depois vai lapidá-las para que façam ou tenham algum sentido, às vezes ele se posiciona como um observador, nunca falando sobre eventos completos, nem autobiográficos, mas fazendo uma colagem de coisas que já viu e viveu.

Na música “É o fim do mundo como o conhecemos”, ele canta disparando palavras num ritmo acelerado e até mesmo alegre, que à primeira vista talvez não “combinem” com o fato do fim do mundo estar próximo.

Por essa característica contraditória ao próprio drama da afirmação do “fim do mundo como o conhecemos”, a música carrega em si um humor singular, parecendo sorrir ao dizer o turbilhão de palavras, algumas delas com um sentido de dureza e fria realidade do mundo:

World serves its own needs  
Don't mis-serve your own needs  
Speed it up a notch, speed, grunt, no, strength<sup>1</sup>

Apesar disso, como realcei, a música tem um tom de alegria, e o próprio Stipe, em entrevista à Interview Magazine (BOLLEN, 2011), disse que nunca escreveu uma música que fosse sem esperança, porque ele é “loucamente otimista”<sup>2</sup>. Quando perguntado sobre o sentimento de alegria, no entanto, ele diz que não é isso que busca exatamente, mas que ela pode ocorrer através de catarse<sup>3</sup>, algo que ele considera fazer bem, assim como a observação:

I watch people. I'm a voyeur. [...] I sit and watch. At its best, the lyrics and the work come from some instinctual insight, and then you're just trying to edit yourself<sup>4</sup>. (BOLLEN, 2011)

Isso nos lembra o método criativo de Salvador Dali, a paranoia crítica. Em que primeiro se “joga” a ideia (dentro de um estado que favorece a expressão inconsciente) e, depois, com um pouco mais de distanciamento, volta-se ao material para aparar arestas e dar o seu contorno final, editá-lo, interpretá-lo (SANTOS, 2017, p. 186). Antes de discutir métodos criativos aqui (não é o objetivo do presente artigo), quero apenas apontar como um material tido como *nonsense* pode carregar muitos sentidos em si, seja de uma época, de sua cultura, ou mesmo reverberar através dos anos, vez que a “falta de sentido”, em determinada temporalidade, pode voltar com sentidos não apenas mais coerentes, mas unificados e ampliados.

Como nos diz Freud em seu tratado sobre os chistes (1905):

As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões. (1905, p.23)

Tendo sido lançada em 1987, a música do R.E.M. sempre se manteve em destaque no cenário musical, não podendo ser considerada “esquecida” em nenhum momento. No entanto, é preciso destacar que, com o advento da pandemia de covid-19, em 2020, a canção alcançou o 63º lugar no ranking de mais ouvidas do iTunes nos Estados Unidos.

---

<sup>1</sup> Numa tradução livre: O mundo atende às suas próprias necessidades / Não sirva mal (ou não deixe de servir) suas próprias necessidades / Acelere um pouco, velocidade, grunhido (ou grunha), não, força.

<sup>2</sup> “I've never written a song that's hopeless. I'm not a hopeless person. I'm crazily optimistic”. (BOLLEN, 2011).

<sup>3</sup> “The joy can be through catharsis. I think that's what I do well, and observation”. (BOLLEN, 2011).

<sup>4</sup> Eu observo as pessoas. Eu sou um voyeur. [...] eu sento e assisto. Na melhor das hipóteses, as letras e o trabalho vêm de algum insight instintivo, e então você está apenas tentando editar a si mesmo.

“E a escalada segue hora após hora. Comparativamente, há 33 anos, em seu auge de sucesso, a canção chegou à 69ª colocação no Top 100 da "Billboard".” (O GLOBO, 2020).

De acordo com matéria da revista Rolling Stone, de 29 de abril de 2020 (BROWNE), a canção saltou 110% nos serviços de *streaming* entre março e abril daquele ano.

### **O fim do mundo que veio antes da pandemia, aniquilando experiências**

De certa forma, parece natural que uma manifestação cultural desse tipo ganhasse força diante de uma pandemia global que anunciava o fim dos tempos, por meio de um vírus mortal, que sobrecarregou os sistemas de saúde no mundo, distanciou pessoas e trouxe diversos outros problemas de saúde pública e econômica, expondo a fragilidade da vida e das experiências humanas.

No entanto, resgatamos essa canção em específico por seu aspecto “bem-humorado” (ao qual voltaremos mais à frente), sendo sua volta “às paradas de sucesso” uma espécie de sintoma cultural de como grande parte das pessoas encarou não só a pandemia, mas as ameaças à vida de forma geral. Não por uma grande catástrofe que varreria a todos como uma chuva de fogo, mas com um assassino silencioso, que nos retira a capacidade de respirar e destrói um a um, eliminando as experiências humanas em seus espaços íntimos.

Isso nos remete à reflexão da sobrevivência dos vaga-lumes de Didi-Huberman e o paralelo entre o tempo de Pasolini e o seu próprio:

Há provavelmente motivos para ser pessimista a respeito dos vaga-lumes romanos. No mesmo momento em que escrevo essas linhas, Silvio Berlusconi se exhibe, como sempre, sob a luz dos projetores, a Liga do Norte age com eficácia e os Roms<sup>55</sup> são fichados, uma boa maneira de colocá-los para fora. Há sem dúvida motivos para ser pessimista, contudo é tão mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes. (2011. p. 49)

Numa comparação baça, há provavelmente motivos para sermos pessimistas em um momento em que milhares de mortos foram contabilizados, governantes apostaram em disputas políticas em vez de assertividade de decisões e investimentos, e a tensão social aumentou, criando abismos ainda maiores.

É nesse ponto, no entanto, que temos de abrir os olhos e buscar os vaga-lumes, as experiências humanas que ainda nos fazem ser quem somos, que apontam para algo além da dura objetividade maquinal cotidiana (que a pandemia até ajudou a expor) e de um

tempo comprimido em que as experiências parecem sumir num jogo de luzes e exibições efêmeras (e barulhentas), nas quais:

[...] a velocidade do tempo no mundo do trabalho, da informação e da tecnologia, por exemplo, evoca nos indivíduos essa sensação de que viver é o equivalente a produzir, conhecer, responder prontamente a qualquer demanda, externa ou interna. (ARCHANGELO; CAMPANARA; VILLELA, 2020, p. 31).

De certa maneira, pressionados cada vez mais por um ritmo incessante, em especial nas grandes cidades hiperconectadas, globalizadas e tumultuadas, as pessoas já sentiam essa aproximação de “fim do mundo”. Uma espécie de euforia e de expectativa que parece nunca nos alcançar, mas simplesmente porque seguimos correndo, sem olhar para trás, nem para nós mesmos, nem para outros. Esse apressar já é um dos assassinos das experiências humanas:

Na ordem do tempo cuja marcha social impregnou de voracidade, o sujeito se vê submetido a exigências cruéis e inalcançáveis. Ele abre mão do aqui e agora em nome de chegar onde não está; perde de vista as relações (com o outro e consigo), perde contato com o mundo natural, deixa suas qualidades mentais desinvestidas: não mais são necessárias a atenção, a observação, a concentração, a memória, o discernimento. (ARCHANGELO; CAMPANARA; VILLELA, 2020, p. 32)

Tem-se, assim, que algo cai em relação às vivências e experiências humanas, que parecem rasas e deslocadas. Como pontua Didi-Huberman (2011) “o que “cai” não “desaparece” necessariamente, as imagens estão lá, até mesmo para fazer reaparecer ou transparecer algum resto, vestígio ou sobrevivência” (p. 121).

Esse talvez seja um dos pontos centrais da sociedade atual, vivemos de vestígios e de restos, sempre querendo estar onde não estamos, buscando essas luzes que, quando achamos que são os raros vaga-lumes, na verdade nos deparamos com uma imagem que não remete a nada além, uma “pouca coisa: resto ou fissura (*fêlure*). Um acidente do tempo que a torna momentaneamente visível ou legível. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 87, grifo do autor).

Isso, em determinado sentido, vai ao encontro do que pontua Marcondes Filho, que:

[...] o aumento de atividades, sua multiplicação infinita, sua reprodução desordenada, essas milhares de coisas que temos de fazer, que precisamos dar conta, que nos inundam, são feitas apressadamente, de afogadilho, não importa como, o que importa é que se faça. E a vida resume-se nessa massa de experiências mal-vividas, nessas pessoas mal-amadas, nessa existência mal-sentida. Isso tudo porque não podemos perder tempo. Tempo, a única coisa que teremos acumulado na vida, tempo ganho para investir em novas agitações frenéticas, para ganhar mais tempo. (2010, p. 75)

## **Humor contra o fim do mundo, símbolos que resistem**

Em sua obra “Os chistes e sua relação com o Inconsciente” (1905), Freud diz que os chistes, a comicidade e o humor se aproximam muito da estrutura de sonhos, especialmente quanto à condensação e ao deslocamento dos sentidos, palavras e imagens apresentadas em ambos os fenômenos. Ele destaca diversas técnicas, mas, em última análise, elas estariam apontando sempre para a condensação, ou seja, economia (1905, p.28) e deslocamento (1905, p. 34).

O autor explica também que, de certa forma, grande parte do que nos gera riso provém da quebra de expectativa, que ocasiona o prazer humorístico (1927, p. 99 - 100) por meio da economia de sentimento. Quando da relação entre sujeitos, por exemplo, em vez do gasto com tristeza, empatia ou qualquer outro sentimento, a quebra de uma expectativa nos lança a “gastar” aquela energia com o prazer e o riso. É uma liberação.

É por meio dessas técnicas que duas principais formas de se fazer humor, segundo ele, se apresentam. A primeira pode ocorrer em relação a uma pessoa isolada que adota a atitude humorística enquanto outra pessoa representa o espectador; “ou pode efetuar-se entre duas pessoas, uma das quais não toma parte alguma no processo humorístico, mas é tornada objeto de contemplação humorística pela outra”. (FREUD, 1927, p. 99).

Contudo, para nós aqui cabe também destacar uma outra forma de humor, que Freud aponta, quando olhamos diretamente para o humorista que faz graça de si mesmo. Ele usa de exemplo a anedota: “um criminoso, levado à forca numa segunda-feira, comentou: ‘Bem, a semana está começando otimamente’” (FREUD, 1927, p. 99).

A situação em que aquela pessoa se encontrava era, claramente, desesperadora, frente à morte iminente e, mesmo assim, um dito bem-humorado pode nos fazer rir face ao desespero, nosso e dos outros. Segundo Freud, isso ocorre porque o humor tem algo de liberador a seu respeito, “mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação [...]. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na **afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego**” (FREUD, 1927, p. 100 – grifo meu).

Isso quer dizer que o ego

Se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor. (FREUD, 1927, p. 100)

Não à toa, neste período de pandemia, muitos *memes* que se utilizavam do tema da morte e fim do mundo (de várias formas) surgiram. Como um ato de resistência contra a morte que batia à porta de todos constantemente, todos os dias, por notícias ou a dura realidade próxima. Fomos invadidos pela morte nos três campos, real, simbólico e imaginário. Curiosamente, um recente estudo de pesquisadores das Universidade do Estado da Pennsylvania e da Universidade da Califórnia Santa Barbara (nos EUA) apontou que o consumo de memes sobre a própria pandemia ajudou as pessoas a manterem o humor e diminuir o estresse no período (MYRICK, J. G., NABI, R. L., & ENG, N. J., 2021).

E aqui chegamos ao grande encontro de águas. Temos a invulnerabilidade do ego, expressa no humor, mesmo face ao desespero e destruição, mas de onde retiramos algum prazer; temos a canção do R.E.M. construída a partir de um sonho e depois lapidada, com certo tom de alegria (catártica), mesmo falando do fim do mundo; e temos também as pequenas experiências humanas fragmentadas em nossa era, apontadas na aceleração frenética da canção e de nossos dias, tentando sobreviver em meio ao caos. Tudo isso vindo à tona em meio a uma pandemia que traz de volta uma canção de 1987, porém mais atual que nunca.

Dois pontos paralelos, porém curiosos, ainda pedem atenção: o fato do nome da banda remeter ao estágio de sono onde os sonhos são mais vívidos e onde ocorre o chamado “movimento rápido dos olhos” (*rapid eyes movement*, em inglês, que gera a sigla R.E.M.); e o fato da música provavelmente permanecer existindo muito além da vida de seus próprios criadores. Uma espécie de sobrevivência da experiência, como aponta Didi-Huberman: “Sobrevivência dos signos ou das imagens, quando a sobrevivência dos próprios protagonistas se encontra comprometida.” (2011, p. 150).

Assim, por um certo prisma, o humor pode ser visto como forma de sobrevivência das pequenas experiências, em especial quando o mundo se altera muito rapidamente, como na pandemia que nos tomou de assalto e inverteu até mesmo a lógica do cotidiano, da convivência e do tempo. A subida da música nos serviços de *streaming* aponta para isso. Ou seja, não é um uso como “solução”, pois talvez ela nem exista (naquele momento não havia), era apenas uma forma de encarar e sobreviver, como revela a própria música: “Offer me solutions, offer me alternatives and I decline” (ofereça-me soluções, ofereça-me alternativas e eu recuso).

Dessa forma, o “resgate” da música nesse momento tido como ameaçador e perigoso à vida humana quase que de maneira integral, demonstra que não apenas a

temática de fim do mundo estava sendo explorada e assimilada, mas que a forma como isso se deu aponta para como utilizamos o humor para reforçar, psiquicamente, a indestrutibilidade do ego. Mesmo quando sob intensa ameaça de morte, ele surge como uma voz de resistência, rindo-se do mundo e de seus perigos.

Podemos dizer, então, que a “sobrevivência das experiências humanas”, das quais nos fala Didi-Huberman, encontra aqui mais uma forma, não por meio do drama, do trágico, mas do humor. Um dispositivo que não nega o caos, pelo contrário, o abraça, o reconhece, canta-o como ele é, em desastres naturais, com palavras aceleradas, num turbilhão de pensamentos e discursos fragmentados – como cada vez mais se apresenta nossa sociedade (basta olhar noticiários, posicionamentos científicos e políticos ao longo dessa crise mundial de saúde) – mas, ainda assim, consegue prevalecer sobre ele, resgatando o pouco da experiência humana de rir-se de sua fragilidade, de ver essa colagem midiática como parte do próprio viver atual e de se alegrar com o fato de que, se o mundo como o conhecemos acabar, ainda há uma forma de “eu me sentir bem”.

Cada palavra e expressão da canção talvez merecesse atenção detida, mas como isso não será possível nesse espaço, aproveito para resgatar as iniciais “L” e “B”, que de certa forma deram origem a ela.

De maneira resumida, destaco: Leonard Berstein (1918 – 1990) era pianista, maestro e compositor; Leonid Brezhnev (ou Brejnev – que viveu de 1906 a 1982) era um estadista russo da dissolvida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); Lenny Bruce (1925 – 1966), comediante e roteirista controverso preso diversas vezes ao longo de sua carreira e que morreu jovem, supostamente de overdose de morfina; e Lester Bangs (1948 – 1982) era músico, crítico e jornalista, tendo atuado até mesmo na Revista Rolling Stone.

Talvez possamos olhar tais personalidades (músicos, jornalistas, estadistas, comediantes, comunistas, críticos, usuários de drogas ou não, etc.) como representantes de uma sociedade volátil, acelerada e confusa, como a música mostra em seu ritmo, letra e cadência. Se Pasolini, como destaca Didi-Huberman, fazia uma profecia negativa, olhando uma situação pós Segunda Guerra Mundial com o “desaparecimento dos vagalumes” (2011), hoje podemos dizer que esses movimentos se intensificaram e se aceleraram.

Os projetores dominaram muitos espaços e as imagens, efêmeras, agora dão a tônica da existência cotidiana, especialmente por meio da hiperconexão e das redes



sociais que mais crescem, como Instagram e TikTok, por exemplo (The State of Mobile 2021 Report).

Assim, pressionados entre uma compressão temporal, uma avalanche informacional e um “imaginário a céu aberto” (quase uma psicose) nas redes sociais, não é difícil pensar a morte da experiência humana, como destacava Walter Benjamin (1933) e, dentro da proposta de Didi-Huberman, as imagens que se revelam momentaneamente como luzes de vaga-lumes, nem sempre são experiências que sobreviveram, mas, antes, lampejos fragmentários que espantam as verdadeiras experiências.

Certamente, como observava Pasolini, a poluição das águas no campo faz com que morram, a poluição do ar na cidade também. Sabe-se igualmente que a iluminação artificial – os lampadários, os projetores – perturba consideravelmente a vida dos vaga-lumes, como a de todas as outras espécies noturnas. (DIDI-HUBERMAN, p. 49-50)

Luz artificial perturba os vaga-lumes. Para além dos projetores Hollywoodianos, os flashes das câmeras e as *ring lights* tão populares que invadiram casas e estúdios, os celulares estão em todos os lugares, mãos, bolsos, casas. São como uma proliferação de vaga-lumes, porém sem sua beleza ou fragilidade, para além disso, as luzes das telas parecem perturbar e não nos permitem estar sozinhos em momento algum, nem mesmo para refletir sobre nós mesmos. Portanto, é preciso diferenciar o que é realmente a experiência humana “sobrevivente” ou o que a ofusca.

Isso expõe a impossibilidade de se pensar o “ser” no sentido de Heidegger, onde é necessário analisá-lo, sim, dentro de sua temporalidade, mas também numa existência que ultrapasse apenas o tempo presente e congregue em si outras temporalidades, numa linha de pensamento reflexivo que possa chegar ao “ser” e não apenas ao reflexo desses efeitos no “ente”.

Se o ser deve ser apreendido a partir do tempo e os diversos modos e derivados do ser só são de fato compreensíveis em suas modificações e derivações na perspectiva do tempo e com referência a ele, o que então se mostra é o próprio ser, e não apenas o ente, enquanto sendo e estando "no tempo", em seu caráter "temporal". Desse modo, "tempo" não mais poderá dizer apenas "sendo e estando no tempo". Também o "não temporal", o "atemporal" e o "supratemporal" são, em seu ser, "temporais". (HEIDEGGER, 2005, p. 46)

Por isso é que se pode dizer, de certa forma, que a música aqui citada faz um movimento múltiplo de representação: apresenta um mundo caótico como vemos, com experiências aceleradas e fragmentadas; utiliza de sua forma e conteúdo para tratar do fim do mundo de forma bem-humorada; e traz uma mensagem de sobrevivência sussurrada na repetição dos versos finais: “It's the end of the world as we know it (time I

had some time alone)”.<sup>5</sup> Tudo isso unindo o momento do sonho do autor, com a composição com os colegas da banda, seu lançamento, repercussão e novo sentido expresso num momento pandêmico ocorrido cerca de 33 anos depois. Um convite a se pensar o ser que, de certa forma, já expressa um modo de ser nesse próprio movimento.

Assim, a afirmação do “eu me sinto bem”, mesmo com o fim do mundo como o conhecemos, transforma-se ao final da canção, quem sabe justificando esse bem-estar. Outras produções culturais contemporâneas já apontam para isso. Filmes e séries, por exemplo, em que o mundo “já acabou”, mostram como há muito tempo é a existência – necessidades básicas – que dita o ritmo desse novo mundo, o que, apesar de ser desconhecido, traz certa paz, numa outra velocidade de experiências. Talvez isso faça eco com o que escancara Marcondes Filho.

[...] precisamos perder tempo, perder tempo com as coisas, conhecê-las sem pressa, submetendo-nos a sua duração e seu tempo. Não só as coisas, mas também as pessoas e os demais seres vivos que nos rodeiam. (2010, p. 108)

Como resultado, vemos uma espécie de esperança revelada no fim, quem sabe na morte. Por meio do humor como expressão da prevalência e indestrutibilidade do ego, fazendo uma relação com as pequenas sobrevivências dos vaga-lumes, as experiências humanas.

O “bem-estar” do fim do mundo só é possível porque o ego se vê prevalecer por meio do mesmo sistema empregado no humor. E, contraditoriamente, em um mundo caótico, fragmentado, volátil, porém vivo, só é possível fazer sobreviver as experiências após a “destruição total” para se ter um “tempo sozinho”, como diz a música que já inicia com a frase “that’s great!”<sup>6</sup>.

Assim, podemos ouvir a obra de diversas formas: com um turbilhão de palavras e imagens que não se caracterizam em experiências humanas, ou antes, a música toda revela uma experiência humana atual compartilhada, um discurso fragmentado, acelerado, confuso. Não múltiplo e rico, mas apenas atabalhoado e sobreposto, *nonsense*, mas que carrega um pouco de cada sobrevivência individual ali.

Com o fim da experiência humana, a sobrevivência é a única opção, mas para isso, como ressalta Didi-Huberman, é preciso da noite, escuridão para se ver os vaga-lumes. “Quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria

---

<sup>5</sup> Em tradução livre: É o fim do mundo como conhecemos (tempo, eu tive um tempo sozinho).

<sup>6</sup> Em tradução livre: Isso é ótimo!

expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue”. (2011, p. 30).

Assim, no silêncio, no escuro, no vazio é que se pode encontrar algo que não vemos sob as luzes, barulhos e balbúrdia. Talvez ali vejamos que a experiência humana não morreu nem sumiu, mas está soterrada. “Faz-se necessário [...] afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos na noite. (DIDI-HUBERMAN, 2011 p. 148).

O fim do mundo, às vezes, parece a única opção para que eu tenha um tempo sozinho, sobreviva, encontre-me nesses discursos acelerados e confusos. E é por meio do humor que meu ego traz a certeza de que vou estar aqui, mesmo depois de tudo acabar e, por isso, não me entristeço, pois, pelo menos, como diz uma voz sobreposta ao fim de uma canção, terei um “tempo sozinho”.

### **Referências bibliográficas**

ARCHANGELO, Ana; CAMPANARO, Claudia Regina e VILLELA, Fabio Camargo Bandeira. “Chronos, Kairós e a temporalidade da pandemia: confronto entre deuses e possibilidade de reinvenção do setting”. J. psicanal. [online]. 2020, vol.53, n.98, pp. 27-40. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-58352020000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352020000100003&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 22 de setembro de 2021.

BENJAMIN, Walter. *Escola de Frankfurt – Experiência e pobreza*. 1933. Ensaio a partir de Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>. Acessado em 02 de outubro de 2021.

BOLLEN, Christopher. “Michael Stipe”. Interview Magazine, 03 de maio de 2011. Music. Disponível em: <https://www.interviewmagazine.com/music/michael-stipe>. Acessado em 20 de outubro de 2021.

BROWNE, David. “8 Songs That Have Taken Off During Social Distancing – The uplifting anthems and end-of-the-world jams have seen an uptick in streams and sales in recent weeks”. Rolling Stone. Music, Music features. 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/music/music-features/coronavirus-social-distancing-songs-991371/>. Acessado em 15 de setembro de 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vaga-lumes*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.

FREUD, Sigmund. *O humor*. Obras completas, VOL XXI, 1927. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>. Acessado em 02 de setembro de 2021.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o Inconsciente*, VOL VIII, 1905. Disponível em: <https://www.cefas.com.br/download/1116/>. Acessado em 01 de outubro de 2021.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo - parte I*. 15ª edição. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2005.

MARCONDES Filho, Ciro. *Perca Tempo: é no lento que a vida acontece*. 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2010.

Michael Stipe canta 'It's the end of the world as we know it' em vídeo com dicas contra coronavírus – Vocalista do R.E.M. lembrou de música sobre fim do mundo, mas deu orientações para atravessar a pandemia. O Globo, Cultura. 18 de março de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/michael-stipe-canta-its-the-end-of-the-world-as-we-know-it-em-video-com-dicas-contracoronavirus-24312026>. Acessado em 15 de outubro de 2021.

MYRICK, J. G., NABI, R. L., & ENG, N. J. “Consuming memes during the COVID pandemic: Effects of memes and meme type on COVID-related stress and coping efficacy”. *Psychology of Popular Media*, 2021. Advance online publication. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ppm0000371>. Acessado em 30 de outubro de 2021.

R.E.M. *It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)*. Álbum: Document, 1987. Compositores: John Michael Stipe / Michael E. Mills / Peter Lawrence Buck / William Thomas Berry.

R.E.M.: Michael Stipe diz que banda ‘nunca vai se reunir’ - O R.E.M. se separou em 2011 e, para o cantor Michael Stipe, não há chance de retorno. *Rolling Stone, Music & Run* 2021. 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/musica/rem-michael-stipe-diz-que-banda-nunca-vai-se-reunir/>. Acessado em: 14 de setembro de 2021.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. Surrealismo e Psicanálise: O Inconsciente e a Paranoia. *Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP. ARTEFILOSOFIA*, Nº23, DEZEMBRO DE 2017, P. 178-191. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/raf/article/download/1271/1057/>. Acessado em: 20 de setembro de 2021.

The State of Mobile 2021 Report. App Annie. Estados Unidos. Disponível em: <https://www.appannie.com/en/go/state-of-mobile-2021/>. Acessada em 16 de maio de 2021.